

**ANÁLISE DAS ESCRITAS DO EU
A PARTIR DA OBRA *MINHAS HISTÓRIAS DOS OUTROS*,
DE ZUENIR VENTURA**

Juliana Marinho dos Santos (UENF)
jumarinhosantos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado como resultado da disciplina “Escritas do Eu e ficções da autoria”, ministrada pela professora Analice de Oliveira Martins, 1º semestre de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. Propõe uma breve análise sobre a obra *Minhas Histórias dos Outros*, do jornalista e escritor Zuenir Ventura, publicada em 2005, a partir de fatores inerentes às escritas de si (ou do eu), que constituem os gêneros autorreferentes. Tem o propósito de identificar no objeto de estudo aspectos ligados a conceitos como os de autobiografia, memórias, autoficção e diário, abordando importantes referências como Philippe Lejeune e Paula Sibília. Tem o objetivo, portanto, de ressaltar aspectos importantes da temática e despertar a curiosidade na leitura a respeito da intenção do autor. Para os leitores que têm interesse pelas escritas do eu, pretende suscitar questões que levem à melhor compreensão dos textos autorreferentes e também incentivar a leitura do gênero.

Palavras-chave: Escritas do eu. Gêneros autorreferentes. Memórias.

1. Considerações iniciais

A proposta de análise aqui apresentada é resultado da disciplina “Escritas do Eu e ficções da autoria”, ofertada no programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, e ministrada pela professora Analice de Oliveira Martins, no 1º semestre de 2017. As aulas renderam debates ricos e interessantes, bem como despertaram a curiosidade pelo tema e a reflexão acerca dos formatos de escritas de si.

Iniciar a leitura de uma obra literária redigida em primeira pessoa é sempre uma aventura. O leitor pode se ver na dúvida quanto a certas informações do livro, se os acontecimentos narrados realmente fizeram parte da vida do autor ou se é o caso de um personagem fictício. Ter um

prévio conhecimento a respeito da história de quem escreve é um fator facilitador para a compreensão do conteúdo. Além disso, saber em que gênero se enquadra a obra é também bastante esclarecedor.

Uma autobiografia, por exemplo, já pressupõe que o escritor relate ali sua trajetória pessoal, recortes sobre sua história de vida. Contudo, nem sempre é evidente a intenção do autor e as descrições das obras em determinados casos podem gerar confusão. A partir de conceitos como os de autobiografia, memórias, autoficção e diário, este trabalho pretende fazer um breve estudo a respeito dos textos autorreferentes, levantando questões importantes dentro da temática que colaborem para a melhor compreensão da leitura dos gêneros.

O objeto de estudo escolhido para análise foi a obra do jornalista e escritor Zuenir Ventura, “Minhas histórias dos outros”, em que o autor relata passagens importantes da história do Brasil, sob seu olhar particular e sua vivência. Os aspectos aqui apresentados sobre as escritas de si, ou escritas do eu, seguem grandes referências da área como Philippe Lejeune e Paula Sibília. A proposta é de abordar as características principais dos referidos gêneros literários, na tentativa de debatê-los e compreendê-los.

2. Experiências individuais x relatos de uma época

É essencial para esta análise a contextualização do tema proposto. O autor da obra escolhida, Zuenir Ventura, ingressou no jornalismo em 1956 como arquivista e estudou no Centro de Formação dos Jornalistas de Paris no início da década de 60. Atuou em diversos veículos de comunicação nacionais, dentre eles *Correio da Manhã*, *O Cruzeiro*, *Veja*, *Isto É*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Membro da Academia Brasileira de Letras, é considerado um dos maiores jornalistas do país.

Em 1969, lançou uma série de doze reportagens sobre “Os anos 60 – a década que mudou tudo”, para a Editora Abril; em 1988, publicou o livro “1968 – o ano que não terminou”, que serviu de inspiração para a minissérie “Os anos rebeldes”, da TV Globo; de grande repercussão, a série “O Acre de Chico Mendes”, publicada em 1989 no *Jornal do Brasil*, lhe valeu o Prêmio Esso de Jornalismo e o Prêmio Vladimir Herzog; em 1994, recebeu o Prêmio Jabuti de Reportagem com a publicação de *Cidade Partida*, um livro sobre a violência no Rio de Janeiro.

E suas obras não pararam por aí. As mais recentes são *Minhas*

Histórias dos Outros, 1968 – *O Que Fizemos de Nós, Conversa sobre o Tempo*, com Luis Fernando Verissimo, e o romance *Sagrada Família* (2005, 2008, 2010 e 2012, respectivamente). Por essa breve descrição, já é possível notar que o autor testemunhou vários episódios significativos da história do Brasil, algumas vezes tendo feito parte deles. E é peculiar a forma como narra os acontecimentos nesta obra especificamente.

Ora classificado pelas livrarias como livro de comunicação e jornalismo, ora como biografia e memórias, já em seu título desperta curiosidade de quem o lê. *Minhas Histórias dos Outros* seriam as histórias de vida do autor misturadas a histórias de outros personagens? Histórias das quais ele se apropriou para contar? A sinopse apresentada na contracapa descreve o texto como “romance real” e mostra essa diversidade de lembranças narradas:

Este livro traz o testemunho de Zuenir Ventura, um dos mais brilhantes jornalistas de nosso tempo, sobre um período que vai do final dos anos 50, quando publica suas primeiras reportagens, até os dias de hoje. Em meio a lembranças pessoais e coletivas, estão as principais mudanças comportamentais, políticas e sociais, revividas em episódios conhecidos e desconhecidos, em personagens famosos e anônimos [...] (VENTURA, 2005)

Na apresentação, que parece propositalmente intitulada “Se não me falhe a memória”, o autor inicia informando que “este livro é feito de episódios que vivi e de personagens que conheci ao longo de quase cinquenta anos de jornalismo” (VENTURA, 2005, p. 11). O trecho aponta, então, que o autor é o narrador e que os relatos contados por ele partem de suas experiências e memórias pessoais, sendo também personagem principal da narrativa.

Embora o autor se declare narrador e personagem, assumindo compromisso com o leitor quanto a veracidade do que escreve, a princípio a obra não dá sinais de autobiografia, seguindo a definição de Philippe Lejeune em “O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet”. Paula Sibília (2008, p. 30) sintetiza o que seria o pacto ao afirmar que se dá quando fica claro para o leitor que autor, narrador e protagonista da história são coincidentes, ou seja, o leitor é convencido de que esses três são a mesma pessoa.

Porém, Philippe Lejeune estabelece que as autobiografias estão condicionadas a alguns elementos.

É uma autobiografia toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma dessas categorias [forma da linguagem, assunto tratado, situação do autor, posição do narrador]. Os gêneros vizinhos da auto-

biografia não preenchem todas essas condições. (LEJEUNE, 2008, p. 14)

Sob essa estrutura, a obra aqui estudada estaria de acordo com os elementos narrativa e prosa, da categoria "forma da linguagem"; quanto à "situação do autor", é identificada claramente sua identidade sendo também o narrador; está em linha com as premissas de identidade do narrador e do personagem principal e perspectiva da narrativa, em "posição do narrador". Contudo, é no "assunto tratado" que esbarra nas questões vida individual e história de uma personalidade.

Zuenir Ventura alterna a escrita entre relatos pessoais, como os estudos na faculdade de Letras, o primeiro emprego, as descobertas no Rio de Janeiro, a inserção no jornalismo, e temas políticos, culturais, econômicos e sociais do Brasil, descrevendo também marcos da história mundial. Em primeira pessoa, ele narra passagens íntimas, mas com predominância de episódios da vida pública, na tentativa de ser o mais fiel possível aos acontecimentos.

Sobre isso, Philippe Lejeune afirma que as condições estabelecidas não excluem certos entrelaçamentos e não são absolutamente rigorosas. Quanto ao assunto e seu caráter individual, afirma que "a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço" (2008, p. 15). Então, considerando essa "brecha" nos conceitos estabelecidos, pode-se concluir que a leitura aqui apresentada seria uma autobiografia?

Prosseguindo com os apontamentos, é colocada a questão da ficção: "A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões". (LEJEUNE, 2008, p. 54)

A partir da afirmação de Philippe Lejeune, observa-se fronteiras bastante frágeis entre os diferentes gêneros. A autoficção, por exemplo, pode trazer traços reais da vida do autor, mas no decorrer do texto rompe com a verossimilhança e gera dúvidas no leitor quanto ao factual. Para Ane Beatriz dos Santos Duailibe e Maria Iranilde Almeida Costa, a autoficção "deve ser lida como romance, mesmo que exista uma unidade entre o autor, narrador e personagem uma vez que aquele quem a escreve possui a liberdade de criar ou recriar episódios de sua vida". (DUAILIBE & COSTA, 2016, p. 1732)

A obra de Zuenir Ventura não se encaixaria bem nesta linha, visto

que não caberia ficcionar suas histórias contadas, uma vez que apresentam fatos nacionais e internacionais importantes, que não poderiam fugir à verdade. Tão pouco poderia ser considerada diário, por não se tratar de uma escrita cotidiana, com repetições, e não possuir uma narrativa descontinua. O diário é “metódico, repetitivo, obsessivo”, afirma Philippe Lejeune (2008, p. 2917).

Em sua ficha catalográfica, *Minhas Memórias dos Outros* aparece classificada como, dentre outros assuntos, memórias autobiográficas e jornalistas brasileiros: memórias. De fato, é da escrita memorialística que o livro mais se aproxima. O autor utiliza recortes de diferentes épocas e divide os capítulos com títulos que remetem a episódios vividos por ele, numa ordem cronológica, ou a acontecimentos de conhecimento público.

O capítulo “Perdão para todos”, por exemplo, comenta uma difícil e cruel fase pela qual o Brasil passou, a ditadura. Nessa passagem, Zuenir Ventura cita diversas personalidades que sofreram severas repressões e outras que foram exiladas, e que ele pôde acompanhar bem de perto. Cita também a Lei de Anistia e finaliza o capítulo com a frase “Mas até chegar a essa concessão, a ditadura continuou fazendo vítimas, inclusive no jornalismo”, um gancho para o próximo capítulo:

A notícia da morte de Vladimir Herzog me chegou de São Paulo por um telefonema de sua mulher, Clarice: ‘Mataram o Vlado’. Era o fim da tarde de sábado, 25 de outubro de 1975, e eu tinha acabado de almoçar com amigos em casa. Minha reação foi tão sem sentido, tão absurda quanto o que eu acabara de ouvir: ‘não brinca!’ Fiquei repetindo sem conseguir dizer mais nada [...]. (VENTURA, 2005, p. 99)

Neste trecho, pode-se claramente observar o envolvimento do autor com o acontecimento narrado, seus sentimentos e emoções, o que evidencia a presença no texto de uma lembrança particular de um fato que tomou grandes proporções. São as impressões, o testemunho de quem viveu aquela época e a relata através de suas experiências individuais. Sobre o autor memorialista, Sheila Dias Maciel explica que “suas memórias são uma visão da história, mas uma visão personalizada, uma espécie de ‘micro-história’ – visão particularizada da história”. (MACIEL, 2013, p. 554)

No capítulo “Se meu gravador falasse”, fica bastante evidente que o autor descreve um outro tempo, de costumes que não existem mais. “O gravador de pilha [...] foi tão importante para o jornalista quanto o celular é hoje para todo mundo. Do minigravador, o cassete, nem se fala. O dia em que carreguei um no bolso, me senti poderoso” (VENTURA, 20015,

p. 148). Nota-se aí que há uma descrição de hábitos, coisas, ou expressões antigas, mais uma característica dos textos escritos a partir de memórias.

As memórias, portanto, estão ligadas a experiências mais externas da vida do escritor, enquanto a autobiografia engloba toda sua história íntima, individual e pessoal. E, para misturar um pouco estes dois conceitos, Zuenir Ventura finaliza a obra com o capítulo “A saga de uma testemunha”, sendo talvez o mais íntimo do livro. O trecho é iniciado com o relato sobre a adoção de seu filho mais velho:

Tudo o que eu não queria em 1989 – com 58 anos, uma mulher de 52 e um casal de filhos de 25 e 24 – era ter mais um filho ou coisa parecida[...] Um belo dia, cheguei em casa com um adolescente acreano de pouco mais de treze anos e disse: “Aqui está o mais novo membro da família” [...] Ele entrou na minha vida por acaso, resultado de uma transgressão que cometi contra uma lei básica do jornalismo - a de que, ao reportar os acontecimentos, não se deve interferir neles.

Ele se referia a Genésio Ferreira da Silva, testemunha do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, tema que rendeu uma série de reportagens feitas pelo jornalista para o *Jornal do Brasil* e que se tornou o livro *Chico Mendes – Crime e Castigo*, em 2003. Devido à vulnerabilidade do menino diante das investigações do crime, Zuenir Ventura o levou do Acre para o Rio de Janeiro, onde passou a viver sob sua tutela e junto a sua família. A experiência, como conta, foi difícil e cheia de problemas, dramas e conflitos.

3. Considerações finais

O autor termina o livro com um desabafo: “De todas as minhas histórias, a de Genésio Ferreira da Silva foi – está sendo – a mais difícil e sofrida de viver e contar. Tem o gosto amargo de um fracasso – o meu”. Diante de relatos como este, pode-se constatar a presença de elementos particulares, da vida íntima do escritor, que por vezes se coloca na narrativa de forma profunda e autobiográfica, embora não seja essa a característica predominante.

As narrativas frequentemente confundem o leitor, que consciente ou inconscientemente buscam “falhas” nas histórias baseadas em memórias ou em autobiografias, na tentativa de provar que são ficção. Ou, de posse de uma ficção, busca o que possa parecer real, questionando a intenção do escritor. Nesta obra, os acontecimentos são narrados entrela-

çando-se o registro jornalístico e histórico ao testemunho de alguém que viveu aquela época e pode contar suas próprias impressões.

De forma clara, a leitura é apresentada como um relato de fatos marcantes da história da Brasil, contento também as opiniões do narrador, sem disfarces. E, apesar de utilizar as memórias coletivas de uma sociedade, numa determinada época, para contar suas histórias, Zuenir Ventura se expõe, deixa sua intimidade aparecer, descreve suas emoções e sentimentos, numa “história dos outros” em que conta muito de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). Zuenir Ventura. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/zuenir-ventura>>. Acesso em: 05-11-2017.

DUAILIBE, Ane Beatriz dos Santos; COSTA, Maria Iranilde Almeida. A autoficção e a reconfiguração autoral na obra *divórcio*, de Ricardo Lí-sias. In: *Anais da XV ABRALIC*. Rio de Janeiro: Uerj, p. 1729-1739, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15462/10143>>. Acesso em: 17-07-2017.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VENTURA, Zuenir. *Minhas histórias dos outros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.